

# Tese aponta falhas no ensino

**Aluno** é obrigado a decorar obra e vida dos autores e listas de características literárias. É a chamada “pedagogia da dor”

A discussão em torno do desinteresse dos estudantes pela leitura é freqüente. Fala-se que os estudantes brasileiros lêem pouco, lêem mal e não têm habilidade para compreender a leitura. A culpa é de quem? A tese de mestrado que a professora Micheline Lage Lopes vai defender no dia 31 de agosto no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB), é reveladora: os professores de Brasília não proporcionam um ensino prazeroso da literatura pelo pouco domínio do conhecimento literário e pela falta de uma proposta metodológica.

“O que prevalece é a pedagogia da dor, ou seja, o sofrimento dos alunos em ler uma obra distante do mundo deles; em decorar datas,

obras e fatos da vida dos escritores e serem obrigados a responder listas de características de estilos literários”, diz Micheline. É preciso, segundo a mestrand, que o estudante saiba interpretar uma obra literária de acordo com sua vivência.

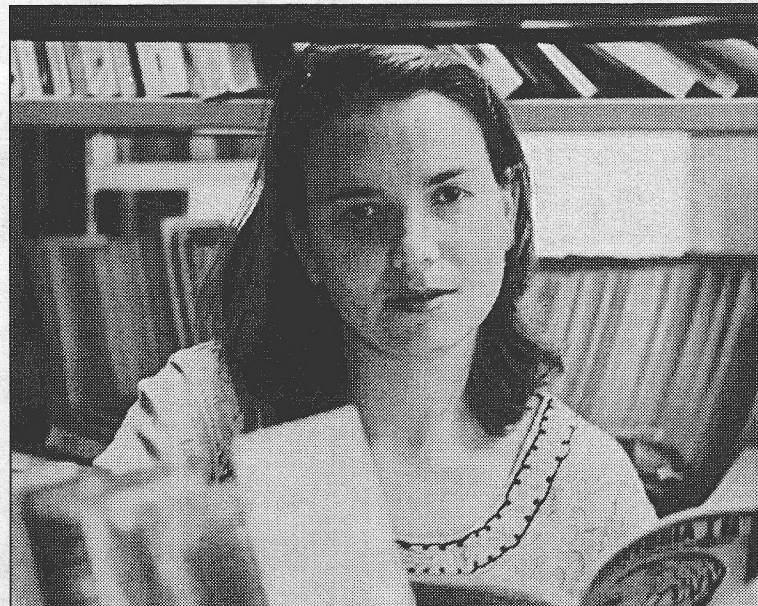
Para fazer sua pesquisa – que também faz parte do projeto *A Leitura da Literatura no Ensino Médio* que o Departamento de Teoria Literária e Literaturas implementa –, Micheline traçou o perfil do professor de literatura do ensino médio, constatando as falhas e formulando novas alternativas metodológicas para a dinamização da leitura em sala de aula.

Para desenvolver sua tese, Micheline ofereceu um curso que envolveu 22 professores de Literatura e aplicou questionários para verificar o conceito que os participantes têm de leitura, literatura e do ensino. Ela constatou que há mudanças em relação às pesquisas em torno da leitura, feitas há 10 anos. “Os professores estão com conceitos de leitura e literatura mais atualizados. O que falta é uma metodologia de ensino na abordagem da literatura”, explica.

O levantamento revelou, por

exemplo, que nenhum professor leva para a sala de aula um dicionário de símbolos. “É um recurso muito útil para fazer uma leitura mais profunda de obras literárias”, afirma, ressaltando que a literatura é plurisignificativa e diferente, por exemplo, da linguagem científica ou jornalística. Segundo Micheline, para ser um leitor capaz de dar conta da multiplicidade de sentidos de uma obra literária, o professor tem de ser um pesquisador. “É preciso que ele recorra a dicionário de nomes e de símbolos, pesquise outros críticos que abordaram a obra”, enfatiza. Em geral, o professor não busca ser um bom leitor. E se não é um bom leitor não vai conduzir adequadamente o processo de leitura em sala de aula.

É por isso que a tese aponta a necessidade de o professor de Literatura criar uma metodologia. “Não se trata de seguir uma receita”, pondera. A professora também teve a curiosidade de analisar questões de literatura que caíram nas provas do vestibular da UnB, de 1996 a 1999. “Constatei que a UnB está procurando avaliar a capacidade do aluno de ler criticamente, analisar, estabelecer relações entre textos de tipologia variada. A Música Popular



**Micheline:** falta metodologia para o ensino de Literatura

Brasileira, por exemplo, é uma presença constante nas questões de literatura”, diz Micheline, ao enfatizar que o vestibular está cobrando a capacidade de análise, síntese e relações textuais em detrimento da memorização.

Em sua tese, a professora propõe que o professor traga o universo que o aluno conhece para o ensi-

no de literatura. Música Popular Brasileira, cinema, pintura e gibis, por exemplo. “Começar literatura a partir do que o aluno conhece e gosta e só depois introduzir as obras desafiadoras”.

**ANA SÁ**

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Humberto Pradera